



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Wilton James Bernardo-Santos

*Universidade Federal de Sergipe
wiltonjamesbernardo@gmail.com*

Acontecimentos na França: o sujeito do discurso midiático na construção do excluído

RESUMO: Com orientação teórica na Análise do Discurso francesa fundada por Michel Pêcheux, o trabalho apresenta um estudo de textos publicados na imprensa brasileira sobre a revolta de jovens excluídos da periferia parisiense que, em fins de 2005, passaram a incendiar automóveis nas ruas da cidade, depois que dois garotos morreram eletrocutados enquanto fugiam da polícia. Explorando dizeres dos mais variados sujeitos sociais (jornalistas, presidente da república, ministro de estado, ativistas, intelectuais etc.) atravessamos os textos e detectamos diferentes formações discursivas. Além do próprio esforço teórico-metodológico do processo analítico, a contribuição do estudo é a apresentação do papel da mídia no trabalho de construção do excluído a partir de duas grandes formações ideológicas no acontecimento discursivo: a razão funcionando como prevenção e segurança social e uma formação ideológica naturalista que desumaniza o outro com ameaças e medo. Como parte desses acontecimentos, o enunciado “Alá é grande” será fundamental para os “atentados” na França nesse início de século XXI.

Palavras-chave: Acontecimento discursivo; Análise do Discurso; Mídia; Revolta na França.



INTRODUÇÃO

É verdade que desde o 11 de setembro (2001), nesse início do século XXI, a sociedade ocidental vem sendo muito fortemente marcada pelos sentidos da divisão maniqueísta entre “o bem e o mal”, o eu e o outro, a razão e a irracionalidade. Nessas duas primeiras décadas, a mídia tem construído essa divisão com os atentados ocorridos na Europa e, especialmente, na França. A análise que temos a apresentar traz parte dessa construção midiática do outro como excluído. São jovens, sobretudo, negros e árabes da periferia parisiense que sofrem com o racismo:

O racismo na França produz duas categorias opostas de indivíduos: os que têm acesso a um emprego, e portanto a formas legítimas de consumo, e os que não têm; os que podem adquirir residências individuais com padrões modernos de conforto e aqueles que são obrigados a viver em habitações coletivas, os conjuntos habitacionais das periferias urbanas. A dualização gera o ressentimento dos excluídos da modernização, um ressentimento que frequentemente se exprime em opiniões e práticas racistas (PERALVA, 1994, p.7).ⁱ

Sobre esse quadro social, nosso objeto de estudo são matérias jornalísticas da imprensa brasileira, noticiando e repercutindo a mídia internacional, a respeito da revolta de jovens da periferia parisiense que em fins de 2005 passaram a incendiar automóveis nas ruas da cidade como forma de protesto em relação à sua condição, ao desemprego etc.ⁱⁱ

Se as condições sociais impõem essa estrutura dualista e excludente, nosso estudo mostra como a mídia trabalha essa divisão pelo discurso racional do tempo e do espaço, apagando o outro com a abstração dos dados numéricos e estatísticos, construindo a realidade como objeto a ser visto, observado. Em contrapartida, na construção midiática, entra também uma discursividade naturalista para desumanizar o outro, significado como catástrofe natural, como animal.

Para mobilizar a análise, da ancoragem teórica em que estamos, temos um conjunto de noções da Análise do Discurso. É fundamental a noção de *formação ideológica* caracterizada como:

Elemento susceptível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento. Desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se

relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras (PÊCHEUX & FUCHS, 1990 p.166).



Nesse confronto de forças, nessas posições em conflito, temos as *formações discursivas*, ou seja, regiões de sentidos que “em uma formação ideológica dada, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2000, p. 43). Com essas duas formações, especialmente neste trabalho, queremos colocar à frente dois conhecidos estudos de Michel Pêcheux.

Em *Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio* (1975; trad. Bras. 1988), para tratar de discurso e ideologia(s), é central o conceito althusseriano de forma-sujeito (PÊCHEUX, 1997a, pp. 159-185): “Todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da *forma de sujeito*. É a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais” (p.183). Para apresentar as propriedades da forma-sujeito do discurso, o autor considera as evidências como especificidades do funcionamento ideológico, ou seja, as evidências “fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a transparência da linguagem, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados” (p. 160).

Daí decorre o fato de que a constituição do sujeito do discurso se dá na relação entre o sistema sintático e a inscrição na história pelo caráter material dos sentidos. Os sentidos não têm origem no sujeito. Ele funciona afetado pela ideologia e pelo inconsciente e, por isso, “um discurso é constitutivamente heterogêneo, já que abriga, na sua materialidade, diferentes sujeitos e, conseqüentemente, diferentes vozes, diferentes ordens de saberes.” (GRIGOLETTO, 2005, p. 1).

Nesse caso, pensando sobre o caráter material dos sentidos, sobre a materialidade discursiva, temos à frente um segundo conhecido texto de Pêcheux: *O discurso: estrutura ou acontecimento* (1988; trad. Brasileira, 1997) em que o autor faz inicialmente uma análise do enunciado “On a gagné” (“Ganhamos”) quando da eleição de François Mitterand para Presidente da França em 1981. O autor descreve as



condições político-midiáticas para a circulação do enunciado, o efeito de sua materialidade oral, mas também o sujeito e o complemento do enunciado. O enunciado em questão é uma fórmula que pegou, que entrou em circulação. A análise torna possível observar a entrada dos sentidos do esporte na esfera política e abre caminho para a compreensão do acontecimento que se realiza particularmente "no ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória" (p. 17). Assim, também exploramos os enunciados/*slogans*/fórmulas (KRIEG-PLANQUE, 2010) que circulam socialmente e são catalisados pela mídia no acontecimento via memória discursiva.

Por outro lado, para Patrick Charaudeau, a mídia é uma máquina de construir espaço e opinião pública. Essa construção se dá em um duplo processo, de transformação/transação, em uma espécie de "contrato midiático" que regula a encenação da informação:

Nesse caso, o "mundo a descrever" é o lugar onde se encontra o "acontecimento bruto" e o processo de *transformação* consiste, para a instância midiática, em fazer passar o acontecimento de um estado bruto (mas já interpretado), ao estado de mundo midiático construído, isto é, de "notícia"; isso ocorre sob a dependência do processo de *transação*, que consiste, para a instância midiática, em construir a notícia em função de como ela imagina a instância receptora, a qual, por sua vez, reinterpreta a notícia à sua maneira.." (CHARAUDEAU, 2013, p.114).

Nesse ponto, é relevante considerarmos o papel dessa máquina midiática (o quarto poder) como parte das condições históricas mais amplas, a partir do conceito foucaultiano de biopolítica - o poder sobre a vida - e, especialmente, sobre a ordem estatal racional, a "sociedade de segurança", seus instrumentos de controle e suas ações sobre a população no espaço da cidade (FOUCAULT, 2008). É a partir das condições contemporâneas e seus novos instrumentos de controle que analisamos efeitos de sentido redefinidores do espaço com fronteiras discursivamente construídas.

Assim, considerando esse contrato midiático, a posição do analista, junto aos textos, não é a do leitor que se identifica com a posição do autor. O analista produz deslizamentos no seu trabalho de leitura, produzindo outros efeitos de sentido. Esse leitor/analista não se identifica com os sentidos que vem pelo texto. "Na verdade, o leitor

[analista] antagoniza por completo com tais sentidos: opõe-se não apenas à posição-sujeito a partir da qual o texto foi produzido, mas, sobretudo, à formação discursiva com a qual o autor se identifica." (INDURSKY, 2010, p. 173).



Para demonstrar esse antagonismo do analista, antecipemos que as primeiras descrições do sujeito na mídia, "os jovens da periferia", os "sem papel", os "cidadãos de segunda classe", deflagraram o interesse pelo acontecimento. Com essas formas, logo nos primeiros tateares analíticos, tendo em vista o processo político eleitoral na França (2007), as relações teórico-metodológicas tornaram possível observar certa formação na constituição do sujeito: uma divisão histórica dos sentidos. A fala de um ministro presidenciável disparou a análise:

(1) "**Eu respondo apenas a fatos** concretos. Se alguém atira num policial, não é desempregado, é criminoso", disse o ministro do Interior (Nicolas Sarkozy)" (03.11.2005).

Compreendamos o sentido restritivo da posição política construída a partir desse "eu respondo apenas a" como parte da constituição do sujeito pelo apagamento do "outro", pela interdição da relação em uma ordem de sentidos pragmáticos. A posição política recorta o "outro", indeterminadamente no interior de uma cena criminal. E, de modo decisivo, esse discurso pragmático silencia o outro enquanto interlocutor [L (eu) – L' (fatos concretos)]. Desse ponto, chegamos a duas grandes formações ideológicas: a racional e a natural.



Carro incendiado durante o sétimo dia de confronto entre jovens franceses rebelados e a polícia, no subúrbio parisiense de Aulnay-sous-Bois, na madrugada de ontem

Victor

Tonelli/Reuters

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0411200501.htm>

PARTE I RACIONALIDADE INSTRUMENTAL EM FORMAÇÕES: PREVENÇÃO E SEGURANÇA

1 O discurso do acontecimento

Acontecimentos na França, distúrbio social, rebelião, conflagração, sedição, revolta, incidentes de violência urbana, tumulto social, crise real, fatos concretos, atos de vandalismo, agitação, explosões de raiva e rancor, onda de agressão gratuita e ciclo de violência inédito são descrições parte preponderante na discursivização do acontecimento. Nessas formas, opera o princípio do que faz sentido tendo em vista a posição da evidência ideológica jurídico-criminal.

O discurso do acontecimento vem regulando a preponderância de sentidos restritivamente sistêmicos nas formas de situação, estado ou condição de coisas em um determinado momento: uma mudança local na ordem temporal. É então importante compreender essa “mudança na ordem” como ponto de abertura na materialidade da linguagem para uma compreensão mais específica da constituição do sujeito, em uma forma-sujeito do discurso pelo efeito ideológico da interpelação jurídica.

1.1 A discursivização do tempo e do espaço.

Em (2) e (3), temos a clivagem do sujeito em um tempo que discursiviza as relações com forte sentido (des)

Acontecimentos na França: o
sujeito do discurso midiático na
construção do excluído
Afluente, UFMA/CCEL, v.5, n.15,
p. 324-346, jan./jun. 2020
ISSN 2525-3441

historicizante. É o tempo da “medida quantitativa de desordem”, definido pela “variável sistêmica indesejada”, tempo do “acessório surgido no curso de uma demanda principal donde decorrem efeitos jurídicos”. Assim, a partir dessas condições, é construído o acontecimento.



(2) **“Os problemas começaram com** à morte acidental de dois adolescentes” (08.11.2005).

(3) **“A violência teve início depois que** dois garotos (...) morreram eletrocutados enquanto fugiam da polícia” (31.10.2005).

A discursividade constitui o sujeito por um “começo”, por um “início”, mas desdobrando e atravessando as sequências, em (4) e (5), a partir da posição-sujeito jornalista na conjuntura sócio histórica dada, temos uma formação discursiva fazendo intervir certos sentidos históricos constitutivos dessa divisão:

(4) **“Desde então, o que começou como uma onda de protestos por imigrantes e filhos de imigrantes de origem árabe e norte-africana se transformou em tumulto e se espalhou”** (08.11.2005).

(5) **“A violência teve início depois que dois garotos de origem africana morreram eletrocutados enquanto fugiam da polícia”** (31.10.2005).

Do ponto de vista das relações de constituição do sujeito, do funcionamento discursivo, o corte na momentaneidade é estruturante no sentido da divisão do sujeito em formações ideológicas. Mas atravessando essa momentaneidade vem a abertura para um “histórico fronteiro”, posto que o “quem” da notícia não é circunstancializado. Ele é discursivamente historicizado na justa estreiteza da origem. É um discurso que constrói uma “fronteira histórica” no sujeito por uma discursivização do espaço em sua localidade.



(6) "Eles vão usar a força, e tudo vai ficar pior", afirmou à Folha Abdile Azize, 20, francês **de origem paquistanesa morador de Clichy-sous-Bois**, cidade da Grande Paris **onde os distúrbios tiveram origem**" (09.11.2005).

Compreendamos como em (6) a discursividade faz os sentidos deslizarem do quem/origem para o onde/origem, e, nessa relação, as formações ideológico-discursivas exercem sua dominância alcançando o ponto em que a ilusão das causas que nos determinam opera ultrapassando os limites da radical inescapabilidade da "série de evidências lógico-práticas, de nível muito geral". ("É o espaço discursivo onde um mesmo objeto X não pode estar ao mesmo tempo em duas localidades diferentes; não pode ter a ver ao mesmo tempo com a propriedade P e a propriedade não-P"; Pêcheux, 1997b, p. 31).

O que queremos desse ponto é justamente tentar compreender como as formações, digamos que apoiadas nesse nível muito geral, extrapolam limites e redefinem fronteiras. Ou seja, a evidência que entrecruza o jurídico ao jornalístico na formação, aqui examinada pela sintaxe (MARANDIN, 1997; PECHEUX, 1990) que abre um espaço de memória e faz deslizarem os sentidos do jurídico/estrito para discursivamente criminalizar o sujeito social por sua história no real da língua.

(7) "Subúrbio parisiense de Clichy-sous-Bois, **onde ocorreu o episódio que disparou a onda** de revolta" (07.11.2005).

O *onde* da morte de dois jovens é reduzido aos sentidos de uma "ocorrência episódica", ou seja, é acessório, circunstancial e, portanto, dispensável. Notemos que "o episódio" é gramaticalmente determinado, singular, único. Noutro passo, o que realiza "a revolta" é o entrecruzamento de sentidos que vem do bélico (disparou) para o naturalista (a onda). Por esses sentidos, é possível observar o funcionamento discursivo que exclui e restringe o outro aos sentidos do espaço. Ou seja, o discurso constrói uma fronteira para "esgotar no outro o real indesejável". Como nos diz P. Charaudeau, o sujeito do discurso midiático

trabalha a notícia em função de como “imagina a instância receptora” e, nesse caso, passa a operar como dispositivo de segurança. Vejamos.



(8) “As “cités”, os conjuntos habitacionais que são o **nascedouro dos distúrbios**” (09.11.2005).

(9) “O município de Clichy-sous-Bois, **pivô de toda a crise**, é composto por 33% de imigrantes e seus descendentes” (30.11.2005).

(10) “Cidade **onde tudo começou** é assustadora” (13.11.2005).

(11) “**Violência sai do subúrbio e amedronta Paris**” (07.11.2005).

O exame dessas materialidades nos levou a compreendê-las como um “ponto alto” dessa construção que estamos chamando de “fronteira discursiva”, isto é, uma divisão espacial construída pelo discurso. Os efeitos de sentido dessas materialidades produzem uma inflexão, um desvio, uma mudança de direção na função midiática. E a preocupação com os movimentos dessa circunscrição nos levou a precisar formações estruturantes no processo de acontecimentalização em estudo.

Dentre as formações, a análise considerou fundamentais as relações onde entram sentidos de instrumentação da escrita midiática, os efeitos das especificidades gráficas da “razão escrita” (GOODY, 1979).ⁱⁱⁱ A escrita em sua forma material, tecnológica, espacial, bidimensional, visual com formulado por Sylvain Aurox a respeito das revoluções tecnolinguísticas (1992; 1998). A mídia passa a operar como dispositivo de segurança em relação ao outro excluído, aquele que “amedronta Paris”. Ou seja, passamos a observar a construção do outro excluído pela mídia que, para Charaudeau, constrói a notícia “em função de como ela imagina a instância receptora”, tomando a relação como em um contrato entre “nós e eles”.

2 O real como midiático: ciência e tecnologia

Nessa empreitada, que trabalha a abertura para a fronteira discursiva, certa formação traz para a constituição do sujeito a imagem não enquanto “operadora de memória”, no sentido de que através dela (s), de seus simbolismos sociais, instaura-se uma



relação (DAVALLON, 1999). O efeito de sentido é o de um real dividido: o sujeito interno/externo da mídia.

(12) "Uma das coisas que chamam a atenção nas **cejas que temos assistido na França** é até que ponto os agitadores assimilaram a cultura do hip-hop e do rap" (13.11.2005).

(13) "**Os franceses** também podem se espantar com **a visão** às vezes apocalíptica dos fatos transmitida pela mídia" (20.11 2005).

(14) "Fotógrafo da "Gazeta Wyborcza", maior diário da Polônia, ele é um dos muitos jornalistas que acorreram ao local em busca de **uma visão mais microscópica** da crise das "banlieues" (periferias) francesas" (13.11.2005).

O que temos em (12), (13) e (14) não é a relação entre uma "memória interna, situada nos membros do grupo e uma memória externa, a dos objetos culturais".^{iv} Efetivamente, a imagem, e não as imagens, é uma clivagem constitutiva no sujeito. Ela, enquanto formação, constitui fronteira para um distanciamento na medida em que o real é discursivamente midiático-televisivo, filtrado e acessível somente por essa instrumentação discursiva. O real é para assistir, para ver.

Em sentido estrito, o meio é o limite que funciona então como dispositivo de distanciamento. O funcionamento discursivo constrói o sujeito do discurso tecnológico vigilante por vídeo. Ele monitora o real da nova ordem de controle social (HEILMANN, 2008; PIAZZA, 2008).^v Assim, através dos efeitos de sentido em "cejas que temos assistido" e "coisas que chamam à atenção", vem o sujeito do discurso midiático - "analista" - espectador atento ao real em suas transformações. E o midiático jornalístico se nutre, então, no discurso cientificista.

O real social é constituído discursivamente por sentidos das ciências de observação, o que implica o estabelecimento de distância seja no gesto que coisifica o domínio social como um objeto sistêmico controlável pela observação, seja por um discurso laboratorial que significa a construção de uma redoma instrumental com aparelhos e mapas-estatísticos. O que implica também, nesse último caso, a mediação pela

imagem, sobretudo gráfica, no domínio material da linguagem como vemos nas sequências abaixo.



(15) “**Termômetro da crise, o número de** carros queimados na madrugada de sexta **caiu para** 463 (havia sido 482 na quinta), **voltando a subir ligeiramente** na Grande Paris (111, contra 84 na véspera), onde a violência começou, mas **vinha diminuindo** havia três dias” (12.11.2005).

(16) “Após **atingir o pico** no final de semana retrasado, com quase 2.700 carros queimados, a revolta passou a mostrar **tendência de arrefecimento** desde a quarta-feira, quando passou a vigorar o estado de emergência” (14.11.2005).

Por essas sequências nos deparamos com a vinda de sentidos em uma relação instrumentalizada do tipo observador/coisa observada: “uma visão mais microscópica”, “termômetro da crise” e “tendência de arrefecimento” trazem sentidos por onde o objeto/coisa é constituído como fenômeno natural e aí estamos em plena dominância do discurso “cientificista”. Também os movimentos de “atingir o pico”, “caiu para”, “voltando a subir” e “vinha diminuindo” produzem os efeitos de sentido da imagem gráfica de curvas senoidais.

Por essa instrumentação, o excluído é monitorado, controlado como objeto estatístico. Nesse caso, a mídia tem papel decisivo na exclusão do sujeito já que essa interface gráfica funciona como um muro, uma fronteira discursiva. E o sujeito, objeto estatístico, numérico abstrato, é destituído de sua condição humana. Essa condição desumana será radicalizada com discursos racistas. Vejamos.

PARTE II NATURALIDADE ANIMAL EM FORMAÇÕES: AMEAÇA E MEDO

3 O Discurso naturalista

Uma formação fundamental nesse processo de constituição do sujeito do discurso é a naturalista que significa a ameaça de desumanização quando entram outros sentidos



no trabalho discursivo de demarcação de fronteiras empíricas da cidade. Nas sequências (17), (18) e (19), observemos que a posição sujeito do discurso é construída por divisões em uma região de sentidos, uma formação discursiva excludente: "centros das cidades", "periferias", "subúrbios", "vizinhança", "conjunto habitacional" / "*cités*". De diferentes modos, esses sentidos constroem o outro por oposição no espaço da cidade: centro/periferia, urbano/*suburbano* (subúrbio - *banlieues*) etc. É uma região de sentidos que constituem o outro na relação instaurada pelo sujeito do discurso urbanístico dos espaços da cidade. Mas, em nosso *corpus*, essa formação discursiva é atravessada por outras formações decisivas na constituição do sujeito. Vejamos.

(17) "Cités, especialmente construído para eles e **posicionados deliberadamente fora das vistas da população em geral**, nos subúrbios que cercavam a maioria das aglomerações urbanas francesas, de modo que **a pele escura de seus habitantes não poluísse os centros das cidades**" (15.11 2005).

(18) "O ministro do interior exonerou os policiais de qualquer responsabilidade e lançou invectivas contra "a escória" (sendo que, alguns meses antes, havia declarado que iria **limpar o conjunto habitacional de La Courneuve "com Karcher", ou mangueira de alta pressão**), suscitando uma reação de revolta" (20.1 1.2005).

As descrições, logo acima, são parte do trabalho de construção da exclusão, do apagamento do outro, significado como residual, desprezível, "escória". Nesse trabalho, como vemos, as formações avançam por diferentes discursividades racistas que apagam sentidos humanos no outro, pelo discurso ambientalista da poluição, da higiene, da limpeza urbana. As oposições que demarcam o espaço urbano são atravessadas por sentidos da tonalidade da pele como poluente visual ("a pele escura fora das vistas"). Por essas formas, o sujeito é diluído, apagado na paisagem urbana. E, por esse tratamento que apaga o sujeito enquanto humano, as formações têm então lugar aberto para seguir em sua constituição através

de sentidos muito vigorosos na relação entre a ameaça e o medo. Vejamos.



(19) "O hotel fica em frente à Cité Le Forestier, um conjunto habitacional degradado, com 24 prédios de pintura descascada, vidros quebrados, varais nas varandas e mato seco por todos os lados. **É, de longe, a vizinhança mais assustadora entre as muitas periferias** que a Folha visitou na última semana" (13.11.2005).

A descrição que abre a sequência (19) opera os sentidos do medo, a partir de uma posição esteticista. O medo vem por ausências no outro. Ele é "degradado", "descascado", ou seja, destituído e rebaixado por um jogo de signos próprios das condições materiais da sociedade capitalista. É a descrição de um estado de coisas que significam a ausência de sua contrapartida para as demandas de reposição da aparência impostas pelo capitalismo. O que significam "varais na varanda"? As coisas fora do lugar? Mais um poluente visual? O "mato seco por todos os lados" significa uma falta no sujeito do discurso urbanístico da jardinagem e sua função estética? Todas essas faltas, fundamentais para o funcionamento (coerente) do discurso capitalista, elegem então o outro como uma ameaça: "a vizinhança mais assustadora".

Desse ponto, o processo analítico avançou no exame da articulação entre o discurso da razão e o discurso naturalista. Como parte da prevenção e da segurança social, o medo e a ameaça passam a construir o outro pelos sentidos da catástrofe natural no acontecimento discursivo.

4 O sujeito na forma de catástrofe natural

O sujeito vem significado por sentidos que incluem a momentaneidade e, portanto, uma forma de controle, de segurança pública pela linguagem: "A onda de protestos" / "A onda de violência" / "Uma onda de ameaças". Dessa forma, o acontecimento move sentidos muito próprios de "catástrofes naturais" que inclui a constituição do sujeito também pelo "inesperado", pelo "fora de controle". O discurso naturalista irrompe à materialidade constituindo o outro subsumido pela imagem do



descontrole incendiário, um fenômeno natural: "Distúrbios sociais **se alastram** pela França" (05.11.2005) / "Os distúrbios que, dos arredores de Paris, **alastraram-se** para outras cidades francesas" / "Iniciado no meio da semana, **o esfriamento** dos agitos se confirmou na madrugada de ontem" (11.11 2005).

Notemos que por essa discursividade ambientalista, o humano desaparece e fica para a constituição do sujeito apenas o "nível de calor", a "temperatura" que traz sentido ambiental. E é uma operação metonímica que radicaliza a relação posto que restringe o lugar do outro ao ponto em que o sujeito é significado por uma denegação imperiosa: a condição humana lhe é negada. O "tu" constitutivo do eu" é significado como efeitos no ambiente. E esse funcionamento se expande em formas que espetacularizam a relação, na medida em que trazem sentidos de "outras cenas exaustivamente televisadas" e, assim, aplacam a relação em um refúgio para constituir o sujeito desumanizado pela memória discursiva em redes de sentidos, vindos pelas vias controle do terremoto, do maremoto e da inundação:

(20) "**O epicentro** dos distúrbios na região metropolitana de Paris são as "cités", conjuntos habitacionais populares que se assemelham às Cohabs brasileiras. Aulnay- sous-Bois, visitada ontem pela Folha, é uma grande Cohab" (08.11.2005).

(21) "**O tsunami de vandalismo**, incêndios criminosos e tumultos, iniciado nos guetos dos subúrbios de Paris" (15.11.2005).

(22) "A resposta do regime de George W. Bush à **inundação** de Nova Orleans parece quase enérgica se comparada ao **clima de paralisia e confusão** que parece ter tomado os meios oficiais franceses" (13.11.2005).

Nesse ponto, o humano é absorvido pelo discurso naturalista, ambientalista, catastrófico. E, operado pela razão cientificista do sujeito do discurso midiático, vem a imagem do momento decisivo em um confronto de forças desiguais.



5 O discurso da ameaça e do medo

Poderíamos, inicialmente, considerar as análises jornalísticas um tanto quanto “frouxas” no sentido de que não há uma “aferição mais rigorosa” nos gestos. Mas, com esse traço, as análises jornalísticas abrem espaço para uma discursivização do real pelas “aparências”: “A resposta (..) de Bush (...) **parece** quase enérgica” / “**paralisia e confusão** que **parece** ter tomado os meios oficiais” / “O poder (...) **pareceu** como que tomado”. Materialmente, de fato, a “tranquilidade” das análises abre espaços para que sejam operadas pelo medo como formação discursiva pelos sentidos da incerteza que abre para o inesperado.

Na circulação de sentidos, essas formas nos dão condições para compreendermos essa ralação “frouxa” e “tranquila” como parte do “vigor” dos processos discursivos que decididamente atravessam diferentes posições. Com essas ou por essas materialidades, a formação avança em formas descritivo-especulativas tensionadas por discursividades que incluem o atravessamento de sentidos do medo. Notemos que é construída uma geopolítica de alcance global pelos sentidos da paralisia, da confusão, do espanto e do apocalíptico.

338

(23) “Nas últimas semanas, **a Europa e o mundo se espantaram** com os “motins” que aconteceram nas periferias pobres das grandes cidades francesas” (20.11.2005).

(24) “**Os franceses também podem se espantar** com a visão às vezes **apocalíptica** dos fatos transmitida pela mídia” (20.11.2005).

A Europa/ o mundo >> **nas** periferias pobres

Os franceses >> a visão dos fatos

Notemos também que essa região de sentidos, já examinados na primeira parte, trazem uma divisão onde o espaço é construído em uma totalidade do “eu” como bem demonstram os determinantes. Os sentidos da paralisia, da confusão e do espanto são parte da construção do acontecimento discursivo. Esses sentidos produzem o efeito do inesperado, da ruptura com o estado de coisas “normais” controlado pela razão consciente. Trata-se de ruptura e, ao mesmo tempo,



busca da dimensão consciente no aparelho psíquico. Esse trabalho do discurso do medo e da ameaça avança ainda mais quando, em manchetes, realizam entrecruzamentos com outros efeitos de sentido, fazendo funcionar uma relação metonímica que restringe o outro aos sentidos do crime. O outro é o crime.

(25) "Violência **saí do subúrbio e amedronta** Paris" (09.11. 2005)

(26) "**A revolta que assusta a França**" (09.11. 2005).

Violência >> Paris

Revolta >> França

Em (25), como vemos, a "violência saí" traz movimento para a irracionalidade. Ela vem apenas na ação ou efeito do emprego da força, o sujeito é circunscrito à violência. Em (26), temos somente o ato ou efeito, a manifestação, a revolta. O sujeito é metonimicamente resumido à sua insubmissão, ao crime. Por outro lado, também vemos que o fato de ser manchete faz a discursividade funcionar vigorosamente pelo efeito de "dispositivo de segurança". Assim, a mídia exerce o monitoramento do estado de coisas como instância que dispara o sinal de alerta. Ela constrói a posição do amedrontado, do assustado, Paris/França, e, pelo fato de anunciar o crime, constrói também a proteção. A ameaça, o medo e a criminalização do outro avançam de modo decisivo.

(27) "**A França virou refém** de uma onda de **agressão gratuita** direcionada até agora à propriedade privada por jovens **negros** e de **origem árabe**, na maioria **muçulmanos**, que se dizem excluídos da sociedade" (08.11.2005).

O efeito jurídico é sempre fundamental. O que temos é a notícia de uma mudança, "a França virou refém", ou seja, a ocorrência de um crime. Contra sua vontade, o sujeito está em poder de outrem. É a irracionalidade, a condição animal do sujeito nas relações de sentido que vem justamente pela ausência dos direitos humanos. Note-se que não há "causa", não há "motivo" para o acontecimento. Ele é discursivamente construído "sem razão", é "agressão gratuita". Como já vimos na primeira parte, o sujeito é discursivamente historicizado e excluído



na justa estreiteza de sua origem e, fundamental, "não são excluídos", eles "se dizem excluídos". Desse quadro, a formação domina as relações levando o processo a um ponto insustentável, produzindo uma radicalização no sujeito pelos "sentidos do corpo". É a relação de dominância por sentidos de certa imobilidade corpórea animal. Vejamos.

(28) "Mas a resposta do governo significa que aquilo a que os franceses se referem como a **"fratura social"** só vai se agravar" (15.11.2005).

Em (28), quem está falando no sujeito são outras formações discursivas. Elas firmam nele esse real sujeito dividido pelos sentidos do que é "estrutural", é "ósseo". Note-se que as aspas estão aí justamente para significar "algo fora do lugar". A "fratura" significa então "debilidade". Um sujeito "enfermo", objeto da traumatologia. Esses sentidos conferem ao sujeito uma condição de enfermidade tal que o restringe ao domínio corporal violado. E é por essa dimensão de sentidos corpóreos que as formações vão ao que estamos chamando de "ponto de inflexão". Sentidos que nos trouxeram, de modo incontornável, ao outro lado da "fronteira discursiva", onde a condição do sujeito é natural, é animal. Vejamos:

(29) "O primeiro-ministro francês, Dominique de Villepin, afirmou nesta terça-feira que o país enfrenta o "momento da verdade". "A República enfrenta o momento da verdade. **A França está ferida. Ela não se reconhece nas ruas das áreas devastadas, em locais dominados pelo ódio e pela violência, que destroem e matam**", afirmou o premiê em discurso ao Parlamento" (08.11.2005).

(30) "As 'banlieues' (periferias) rugiram ainda mais alto" (09.11.2005).

No entrecruzamento do discurso urbanístico em "ruas" com o florestal", o rural", o não urbano em "áreas devastadas", o sujeito é inscrito pelos sentidos da territorialidade urbana e suas divisões pelo não reconhecimento de si "nas áreas devastadas". E é parte desse não reconhecimento, o fato discursivo de estar em questão não os



indivíduos, as pessoas, os cidadãos, mas “os locais” e o outro continua sendo “o ódio e a violência que destroem e matam”. Ou seja, nessa desumanização, o que opera são sentidos do “instinto de um debilitado”, mas, ao mesmo tempo, esse “estado de ambiguidade animal” também impõe uma ameaça: a “fera ferida”.

E aqui chegamos então ao extremo nos sentidos da animalidade. Nesse ponto, por essa ambiguidade que abre noutra direção (a ameaça), a formação estabelece relação de sentidos noutra dimensão.

Daí em diante, chegam sentidos de uma busca de refúgio para que o sujeito do acontecimento discursivo retorne aos seus domínios, à sua identidade, pois como afirmou primeiro-ministro francês, Dominique de Villepin, “a República enfrenta o momento da verdade” / “a França não se reconhece nas ruas das áreas devastada”. Nessas condições, o lugar de refúgio é a razão escrita da lei. Ela prevê “situações extremas”, onde “é imperioso” operar pelo “não reconhecimento de si”. Ou seja, ela faz considerar certa desrazão na própria lei: é uma “lei de exceção”.

341

6 O discurso bio-espiritualista ou histórico da lei de exceção

A lei de exceção é redefinição de fronteiras discursivas posto que determina uma derrogação nos princípios que regem “normalmente” o direito de um estado (GODOY, 2020) e, portanto, tem uma inserção muito específica na constituição do sujeito jurídico. Nas materialidades em estudo, as formações trazem descrições da entrada em vigor da lei de exceção, discursivizando o histórico como “restauração/remissão” a um ponto “dado” do imaginário nacional francês.

(31) “A decretação do estado de emergência foi a restauração de “uma legislação dos tempos de exceção”, da época da guerra de independência da Argélia, “um dos piores momentos da nossa vida republicana”, diz o “Le Monde” (09.11.2005).

Nesse movimento, outras formações discursivas atravessam o acontecimento que é levado a sentidos “bio-espiritualista”. E esse trabalho é aberto pela descrição do movimento legal



como um gesto que traz à lembrança, à imaginação, “coisas do outro mundo”, um “fora da vida”, uma memória que vem pela “invocação/evocação”: “sua evocação só faz colocar lenha na fogueira” (13.11.2005). Desse ponto, não há mais retorno. Temos sentidos bio-espiritualistas em uma região de sentidos “entre a vida e a morte” para o sujeito do discurso.

(32) “Em reação desesperada, o governo da França ressuscitou uma lei de 1955, que permite a adoção do toque de recolher, e ameaça expulsar os estrangeiros envolvidos nos ataques” (12.11.2005).

(33) “A “exumação de uma legislação de 1955”, afirma o texto do diretor do jornal, consiste em “enviar aos jovens dos subúrbios uma mensagem de uma brutalidade incomensurável” (09.11.2005).

(34) “A oposição ao governo Chirac criticou duramente o decreto, acusado de ser um paliativo demagógico e de **despertar fantasmas que em outras épocas já atormentaram os pais dos jovens que hoje incendeiam o país**” (09.11.2005).

O movimento de sentidos, que produz efeito de permissividade na posição construída, vem de uma lei de “exceção”, “uma lei de 1955, que permite a adoção do toque de recolher”. Ou seja, é o lugar da contradição, do “dito oposto ao que se dissera”. É lá onde, “contrariando suas vontades”, a lei pode errar para que, por uma sobreposição de sentidos da “razão escrita”, o sujeito do discurso retorne aos seus domínios, à sua identidade. Mas é mantida a relação residual pelo discurso do histórico em que pesam os sentidos de “escória”, “ralé”, “franjas da República” (13.11.2005). E é dessa relação que trato no tópico conclusivo.

7 À guisa de conclusão: o discurso da Questão da Língua.

(35) “As palavras de ordem da atual rebelião soam, mais ou menos, como “Alá é grande”. E não necessariamente em francês.” (07.11.2005).

Em (35), a posição é construída pelo discurso analítico-argumentativo, pela circulação de sentidos da língua significando “mais um dado sociológico” colocado em suspensão. É o decisivo



discurso da língua e sua nacionalidade que vem para produzir a ruptura cabal na constituição do outro no sujeito do discurso. Note-se que o discurso opera todo um funcionamento na língua. São sentidos que produzem o efeito de imprecisão das palavras ao resumi-las ao som: "as palavras soam", ao significá-las quantitativamente pela incerteza em "mais ou menos".

Por outro lado, o "E não necessariamente em francês" é aí fundamental pelo fato da língua suportar em seu funcionamento essa articulação pela conexão aditiva "e" e, mais ainda, por sua realização vir posterior a ponto final tendo à frente um segmento, um enunciado nominal sutilmente conclusivo por um "toque" completivo de oralidade, um elemento do interdiscurso: é um pré-construído por encaixe na intradiscursividade (PÊCHEUX, 1997c). E na conjugação desses efeitos, a língua é significada como lugar de ruptura. Ela entra na discursividade como um dado, mas funciona de fato como parte do processo de constituição do sujeito afetado por essa divisão. É o discurso da língua nacional como pertencente à uma determinada região política de sentidos identitários específicos, como discurso basilar para o reconhecimento de uma unidade imaginária na formação social e para a nação" (GUIMARÃES & ORLANDI, 1996, p. 14). "Alá é grande" ecoará pela França como parte fundamental dos "atentados terroristas" nesse início de século XXI.

Referências

AUROUX, S. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas, SP: Unicamp, 1992.

AUROUX, S. *A filosofia da linguagem*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias*. São Paulo, SP, Contexto, 2013.

DAVALLON, J. "A imagem, uma arte de memória". In: *Papel da memória*. Campinas, SP, Pontes, 1999.

FOUCAULT, M. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GODOY, A. S. M. "Estado de exceção e anormalidade constitucional no contexto da Constituição Federal", 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-mar->

[29/embargos-culturais-estado-excecao-anormalidade-constitucional.](#)

GRIGOLETTI, E. "Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito", 2005. Disponível em:



<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2sead/simposios/evandragrietto.pdf>

GOODY, Jack. *La raison graphique*. Les éditions de Minuit, Paris, 1985.

GROPPO, L. A. "A condição juvenil e as revoltas dos subúrbios na França". In: *Política e Sociedade - Revista de sociologia política*. V. 05, nº 08-abril de 2006. pp. 89-121. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1805/1564>

GUIMARÃES & ORLANDI. Identidade linguística. Língua e cidadania: o português do Brasil. Campinas, SP, 1996. pp. 9-15.

HEILMANN, E. La vidéosurveillance, un mirage technologique et politique. In: *La frénésie sécuritaire: retour à ordre et nouveau contrôle social*. Mucchielli, Laurent. Éditions La Découverte, Paris, 2008.

INDURSKY, F. "Estudos da linguagem: a leitura sob diferentes olhares". In: TFOUNI, L. V. (org.). *Letramento, escrita e leitura*. Campinas, SP, Mercado de Letras, 2010. pp. 163-178.

KRIEG-PLANQUE, A. *A noção de "fórmula" em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

LAMBERT, S. Jack Goody, *La Raison graphique*, 1979. In: *Communication Information*, volume 4 nº3, été 1982. pp. 234-236.

https://www.persee.fr/doc/comin_0382-7798_1982_num_4_3_1212

MARANDIN, J. M "Síntaxe, discurso: do ponto de vista da análise do discurso". In: Orlandi, E. *Gestos de leitura*. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1997, pp. 119-149.

MUCCHIELLI, L. *La frénésie sécuritaire: retour à ordre et nouveau contrôle social*. Éditions La Découverte, Paris, 2008.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP, Pontes 2001.

ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP, Pontes 2000.

PÊCHEUX, M & FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: F. Gadet e T. Hak (orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990. pp. 163-252.

PÊCHEUX, M. (1975) *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997a.



PÊCHEUX, M. (1983) *O discurso: estrutura ou acontecimento* [trad. Eni Orlandi]. Campinas, SP, Pontes, 1997b.

PÊCHEUX, M. "A Análise de discurso: três épocas (1983)". In: Gadet, F. & Hak, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1997c. p. 314.

PÊCHEUX, M. (1990) "Delimitações, inversões, deslocamentos". In: GERALDI & ORLANDI (Org.), *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, jul./dez. 1990, p. 7-24.

PIAZZA, P. La biométrie: usages policiers et fantasmés technologiques. In: MUCCHIELLI, L. *La frénésie sécuritaire: retour à ordre et nouveau contrôle social*. Éditions La Découverte, Paris, 2008. pp. 125-136.

Textos analisados

A Intifada europeia

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0711200513.htm>

Ação é descentralizada e sem líderes claros

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0911200502.htm>

Após fim de semana, França prevê distensão

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1411200506.htm>

Cidade onde tudo começou é assustadora

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1311200504.htm>

Distúrbios na França chegam a Lyon; Paris vive calma

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89503.shtml>

Em alerta, Paris proíbe reuniões públicas

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1211200501.htm>

Mesquita sofre ataque no sudeste da França

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89474.shtml>

Moradores negam que estejam em guerra civil

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0811200505.htm>

No subúrbio, ar pacífico esconde tensão constante

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1311200505.htm>

Paris tem 6ª noite seguida de distúrbio social

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0211200503.htm>

Pela terceira noite, jovens protestam contra a polícia de Paris

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89097.shtml>

Reações cutâneas no país de baixo

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1311200511.htm>

Rebelados franceses atiram na polícia

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0411200501.htm>

Violência sai do subúrbio e amedronta Paris

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0711200502.htm>

Recebido em 11 de abril de 2020.

Aprovado em 12 de abril de 2020.



Events in France: the subject of media discourse in the construction of the excluded

Abstract: Theoretically oriented in the French Discourse Analysis founded by Michel Pêcheux, the work presents a study of texts published in the Brazilian press about the revolt of young people excluded from the Parisian periphery who, in late 2005, started to burn cars on the city streets, afterwards that two boys died electrocuted while fleeing the police. Exploring the words of the most varied social subjects (journalists, president of the republic, activists, intellectuals, etc.) we went through the texts and detected different discursive formations. In addition to the theoretical-methodological effort of the analytical process itself, the contribution of the study is the presentation of the role of the media in the work of building the excluded from two major ideological formations in the discursive event: reason functioning as prevention and social security and training naturalistic ideological that dehumanizes the other with threats and fear. As part of these events, the statement "Allah is great" will be fundamental to the "attacks" in France at the beginning of the 21st century.

Keywords: Discursive event; Discourse Analysis; Media; Revolts in France.

346

ⁱ Mais detalhes, ver GROPPPO, L. A. "A condição juvenil e as revoltas dos subúrbios na França". In: *Política e Sociedade* - Revista de sociologia política. V. 05, 2006.

ⁱⁱ Trabalhamos em um arquivo com 98 textos da Folha de São Paulo. A análise nos levou a 35 Sequências Discursivas – SD. A lista de textos analisados está disponível logo após as referências.

ⁱⁱⁱ Ver também as notas de Sylvie Lambert sobre *La Raison graphique* de Jack Goody (1979). *Communication Information*, 1982.

^{iv} DAVALLON, op. cit. p. 32.

^v Os referidos trabalhos estão publicados em *La frénésie sécuritaire: retour à l'ordre et nouveau contrôle social*, organizado por Laurent Mucchielli (2008).